



DN Madeira

17-04-2017

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Regional

Tiragem: 19292

Temática: Saúde

Dimensão: 2701 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4/5



MEDICAMENTOS AJUDAM VENEZUELA

O envio de medicamentos para a Venezuela aumentou nos últimos tempos. A ajuda levanta várias questões pertinentes, envolvendo os emigrantes e seus familiares, farmácias e agências de viagens P. 4 E 5

● EMIGRAÇÃO

MEDICAMENTOS PAI SOLIDARIEDADE C

Aumentou o envio de medicamentos da Madeira para várias localidades na Venezuela. As malas de familiares e amigos reservam espaço para o que tanta falta faz naquele país latino-americano. Mas há também agências de olho nesta oportunidade de negócio e as farmácias, que estão a facturar.

Bruno Olim, representante da delegação regional da Ordem dos Farmacêuticos, alerta para eventuais situações catastróficas: e se faltarem medicamentos na Madeira? O responsável sugere também a implementação de um "canal legal" para fazer chegar os fármacos aos seus destinatários.

O assunto é susceptível de gerar melindres. Como a questão da legalidade dos processos e dos beneficiários, para além de nebulosa situação na Venezuela, onde tudo é regateado e onde os 'medicamentos da Madeira' poderão estar a ser revendidos com margens desonestas.

Inflação de 1000%

Na Venezuela são necessários 53 salários mínimos para voar até à Europa. E é precisamente pelo aeroporto que os medicamentos têm conseguido furar as barreiras alfandegárias colocadas por Nicolas Maduro, numa altura em que vários fármacos já sofrem uma inflação na ordem dos 1000% naquele país sul-americano. São cerca de 350 mil portugueses, 80% dos quais originários do arquipé-



Muitas famílias madeirenses radicadas na Venezuela abastecem-se de medicamentos na Madeira. FOTO AGOSTINHO SILVA



As farmácias já se aperceberam do fenómeno. FOTO HELDER SANTOS/ASPRESS

lago da Madeira, que vivem actualmente no limiar da saúde e anseiam pela distribuição de toneladas de medicamentos retidos pelo governo.

Alguns luso-descendentes têm, maioritariamente nas épocas altas, como verão ou natal, viajado até à Região para adquirir fármacos em grandes quantidades, dada a inexistência no mercado ou pela já referida inflação. O objectivo passa por salvaguardar a própria saúde e a dos familiares radicados no país, existindo casos nas compras de medicamentos para o colesterol com a estimativa para dois anos. Existem também pessoas que têm procurado tratamentos na Colômbia e no Brasil, deixando as suas casas e procu-



rando sobreviver.

A procura por fármacos na Madeira já era normal, mas desde que Maduro tomou as rédeas do governo, a instabilidade social e económica despoletou medidas que levaram, por exemplo, à recusa de ajudas humanitárias para esconder a crise, como é o caso das 250 toneladas de ajuda proveniente do Brasil que continuam em 'stock'. Carlos Teixeira, luso-venezuelano e activista político, natural da Madeira mas actualmente a residir em Caracas, explica que "há gente a morrer por falta de medicamentos imprescindíveis e só quem tem sorte de ter família de fora" pode evitar o mesmo destino fatídico que já vitimou centenas de doentes oncológicos.

PARA A VENEZUELA OU 'NEGÓCIO'?

"A droga entra mais facilmente no país do que medicamentos", alerta Carlos, que descreve um cenário catastrófico "que a televisão local não informa porque é censurada". De acordo com o político "ajudar as pessoas é, praticamente, fazer contrabando, porque temos de transportar os medicamentos no avião, dentro de malas e entre a roupa, como se tivéssemos a cometer algum delito".

Sem acesso a doações, a situação chegou a este ponto porque a produção interna não tem capacidade para cobrir as necessidades do povo venezuelano e actualmente existem apenas 3 laboratórios a fabricar medicamentos para todo o país, onde mesmo assim só produzem analgésicos ou xaropes. "O governo tinha uma dívida muito grande com os laboratórios internacionais e cortaram-nos o crédito, tal como as empresas de aviação. As companhias internacionais já não voam para o país", salientou o ex-professor.

Segundo o seu relato, "as fronteiras estão cada vez mais difíceis de transpor, quer pela água ou pelo ar, porque muitos militares são sócios dos contrabandistas", num compromisso que se reflecte no preço praticado pelo mercado negro, onde "infelizmente tem-se de recorrer para quase tudo", num país onde "o consumo é controlado, não temos liberdade de opção nem promoções", socorrendo-se do exemplo do pão e das padarias que só podem produzir "o que o governo quer que elas façam".

Medicamentos aqui "são melhores"

A Farmácia Morna, na Rua Fernão de Ornelas, no Funchal, é um dos estabelecimentos que denota uma grande afluência de luso-descendentes, vendendo medicação para "diabetes, coração, tensão arterial ou tiróide", sendo que "os doentes oncológicos ou insuficientes renais só podem adquirir os seus fármacos por via hospitalar", informa Rubina Teixeira.

"Os médicos já estão a recusar passar receitas", alerta a técnica farmacêutica, em circunstância dos pedidos avultados e consequentemente pela informação que circula na comunicação social. "Alguma medicação podemos facilitar porque é permitido, como por exem-

plo as diabetes, que é uma doença crónica, nós percebemos porque há muita gente a vir cá e a comprar em grandes quantidades, mesmo com o nome de outras pessoas", lembrando que as farmácias não estão autorizadas à venda por grosso, apenas as que constam na receita médica.

"É benéfico para a farmácia porque há uma procura maior, mas nós precisamos deste volume de vendas para sobreviver. Havia doentes que quando vinham cá de férias compravam normalmente a sua medicação porque diziam que a de lá não era a mesma coisa", esclareceu Rubina.

Na Botica Inglesa, Rui Ferreira constatou que "muitas pessoas na Venezuela ainda têm Segurança

Social cá na Madeira, daí que voltam à Região e possam comprar a sua medicação de forma legal", pois de outra forma as farmácias "não podem vender sem receita".

Em relação à Botica Inglesa, "não há lucro com a crise dos medicamentos" e nas outras farmácias, "devem ter feito algum, mas nada de especial". Neste estabelecimento a procura de medicamentos pelos imigrantes centra-se "sobretudo na hipertensão", numa situação que gira em torno "das receitas, agravando-se devido a países como Panamá ou EUA que não fornecem medicamentos sem prescrição".

Oportunismo humanitário? Existem algumas agências de viagens a pactuarem com a remessa de medicamentos da Madeira para a Venezuela. O envio de uma bagagem extra em termos internacionais tem um custo que ronda os 100 euros, caso seja transportada na TAP.

Ora, à parte do transporte de vários alimentos, que são escassos ou inexistentes naquele país, os imigrantes aproveitam as parcerias existentes entre algumas agências madeirenses e agentes locais, sediados na Venezuela, para estabelecer uma ponte aérea no transporte de bens essenciais e imprescindíveis, como é o caso dos medicamentos.

Resta saber quem lucra com este negócio ou se a causa é somente humanitária, dado que as malas, chegando ao aeroporto, têm obrigatoriamente de ser vistoriadas pelas entidades competentes, sendo muitas vezes o suborno a desbloquear, no fundo, a vida das pessoas.



As farmácias têm tido um papel humanitário. FOTO HELDER SANTOS/ASPRESS

NÚMEROS

1.000

Os medicamentos estão inflacionados mil vezes o valor original.

100

O preço cobrado para transportar uma bagagem extra.

80%

Percentagem de madeirenses entre a comunidade portuguesa na Venezuela.

250

Toneladas de medicamentos retidos pelo governo, apenas 250 ajudas provenientes do Brasil.

3

Apenas três laboratórios fabricam medicamentos para todo o país.

OS MAIS BARATOS DA EUROPA

■ Bruno Olim Ferreira, representante da delegação regional da Ordem dos Farmacêuticos diz que "as farmácias estão um pouco bloqueadas na sua acção", pois "ao dispensarem a medicação, não sabem se esta será revendida", fazendo referência a casos em que "alguém apareça na farmácia e compre por atacado, nada garante que esse medicamento não vá ser comercializado".

O delegado da Ordem vai mais

longe e aponta para um possível cenário catastrófico. "Se começarmos a ter um viés de dispensa de medicamentos para outro país, a estimativa de consumo fica alterada sendo que podemos chegar a alguns casos em que poderá ocorrer rotura de medicamentos para o cidadão regional. É um cenário catastrófico, mas real, porque há muitas contingências nos medicamentos e em Portugal pratica-se os preços mais baratos da Europa, pelo que



obviamente são muito apetecíveis", alertou Bruno Olim. Nesse sentido, "a Ordem está disposta a sentar-se à mesa e discutir uma solução, criando um acordo para que houvesse um canal legal de entrega de medicamentos e de forma equitativa", aproveitando para relembrar que a venda de medicamentos sem receita médica incorre de uma multa até 100 mil euros para as farmacêuticas. Quanto ao facto de circularem

informações acerca de algumas agências de viagens estarem a aproveitar-se deste "nicho de oportunidade", a fim de enviar medicamentos para a Venezuela por uma quantia de 100 euros, o delegado desconhece essas situações e alerta que o transporte de medicamentos "carece sempre de uma base legal, que existe para dar resposta às necessidades de conservação, temperatura, humidade, luminosidade e garantia de qualidade".